

Nas últimas décadas, evoluíram de forma consistente pesquisas acerca das repercussões de características do funcionamento familiar no desenvolvimento infantil. Tais estudos indicam que aspectos da conjugalidade, coparentalidade e da parentalidade se refletem no comportamento dos filhos, entretanto a natureza e a magnitude destas interações ainda não foram suficientemente explicadas. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar as possíveis associações entre as relações conjugais, coparentais e parentais e problemas emocionais e de comportamento dos filhos. Realizou-se um estudo descritivo de caráter quantitativo e transversal, com 49 casais ( $n=98$ ), com idade média de 41,96 anos ( $dp=8,06$ ), residentes no estado do Rio Grande do Sul. 84,7% dos participantes são casados oficialmente e o tempo médio de casamento é de 19,06 anos ( $dp=10,96$ ). 86,7% dos casais possui entre um e dois filhos e a idade média do filho o qual os pais se referiram ao responder os questionários foi de 10,91 anos ( $dp=4,25$ ). Os participantes foram selecionados pelo critério de conveniência e responderam individualmente os questionários na presença do bolsista de iniciação científica. O instrumento utilizado constituiu-se de um questionário sobre dados sócio-demográficos; Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Conjugal- Faces III (Olson, 1979, validado por Falceto, 1997); Escala de Conflito Conjugal (Buehler & Gerard, 2002, adaptada por Mosmann, 2007); Escala de Ajustamento Diádico - DAS (Spanier, 1976 adaptada por Hernandez, 2008); Escala de Práticas Parentais (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006); Escala de Relação Coparental - ERC (Feinberg, Brawn & Kan, 2012, traduzida por Lamela e Figueiredo, no prelo); *Child Behavior Checklist - CBCL* (Achenbach, 2001, traduzido e adaptado por Santos & Silveiras, 2006); e Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança - SDQ (traduzido e adaptado por Goodman, 1997). Realizou-se o teste da Correlação Linear de Pearson o qual indicou correlações negativas e significativas entre o escore total de problemas de comportamento dos filhos mensurados pelo CBCL e a adaptabilidade conjugal ( $p<0,001$ ;  $r=-0,517$ ); a coesão conjugal ( $p<0,001$ ;  $r=-0,459$ ); e a prática parental de incentivo a autonomia ( $p<0,001$ ;  $r=-0,317$ ), por outro lado indicou associações positivas significativas com o conflito conjugal ( $p<0,001$ ;  $r=0,354$ ) e a prática parental de intrusividade ( $p<0,001$ ;  $r=0,328$ ). Além disso, o escore total de sintomas avaliado pelo questionário de capacidades e dificuldades da criança também apresentou associação positiva e significativa com a prática parental de intrusividade ( $p<0,005$ ;  $r=0,249$ ); e negativa com a prática parental de incentivo a autonomia ( $p<0,001$ ;  $r=-0,376$ ). Os resultados indicam, ainda que preliminarmente, a efetiva associação entre dimensões da conjugalidade e da parentalidade dos casais estudados e os problemas emocionais e de comportamento de seus filhos. Chama atenção o fato da coparentalidade não ter apresentado associações significativas com ambas as escalas que avaliam os sintomas psicológicos dos filhos, dado que não corrobora a literatura da área. Entretanto, devido ao número ainda reduzido da amostra, estima-se que este resultado possa apresentar-se de maneira distinta quando dos resultados finais da pesquisa. Estes achados apontam para a complexidade das interações conjugais e parentais que se refletem no desenvolvimento e ajustamento psicológico dos filhos.